

POSIÇÕES DISCURSIVAS E CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DOS SUJEITOS EDUCADORES NO FILME *COMO ESTRELAS NA TERRA – TODA CRIANÇA É ESPECIAL*

Miriã Costalonga Mac-Intyer Siqueira¹

RESUMO: Este trabalho busca deflagrar nos enunciados, os efeitos de sentido que podem apontar para diferentes posições discursivas e para a construção da imagem dos sujeitos educadores no filme *Como estrelas na terra – Toda criança é especial*². Trata-se da história de um menino chamado Ishaan, que está cursando o Ensino Fundamental e apresenta um quadro de dislexia. No entanto, suas limitações são desconsideradas por seus pais e professores, os quais o julgam como preguiçoso, desatento e indisciplinado. Decidem enviá-lo para um internato e lá continua sem compreender o mundo ao seu redor, enfrenta os problemas nas interações escolares, sendo discriminado e humilhado. Até que um professor de artes ingressa na escola com um discurso diferenciado. Ancorando-se na linha da Análise do Discurso francesa, nos estudos de Pêcheux (1969, 1975, 1983), Maingueneau (2005, 2008), Amossy (2008) e Charaudeau (2008) utilizamos fragmentos de cenas como instrumento de estudo e análise, seguindo a metodologia linguístico-discursiva. Ao trabalhar no entremeio, a Análise do Discurso articula-se às diferentes áreas das atividades humanas, buscando o funcionamento da linguagem, a produção dos sentidos em relação sujeito/história/sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Posições discursivas; Sujeitos educadores; Imagem de si.

ABSTRACT: This work seeks to trigger in the statements, the effects of meaning that can point to different discursive positions and to the construction of the image of the educator subjects in the film *As stars on earth – Every child is special*. It is the story of a boy named Ishaan, who is attending elementary school and presents a picture of dyslexia. However, his limitations are disregarded by his parents and teachers, who judge him as lazy, inattentive, and undisciplined. They decide to send him to boarding school and there he continues to misunderstand the world around him, faces problems in school interactions, is discriminated against and humiliated. Until an art teacher joins the school with a different speech. In the studies of Pêcheux (1969, 1975, 1983), Maingueneau (2005, 2008), Amossy (2008) and Charaudeau (2008), using fragments of scenes as an instrument of study and analyses, following the linguistic-discursive methodology. When working on the subject, Discourse Analysis articulates itself with the different areas of human activities, seeking the functioning of language, the production of the senses in relation to subject/history/society.

KEYWORDS: Discursive positions; Educating subjects; Picture of itself.

Introdução

Estudar a linguagem é refletir sobre o sujeito e sua constituição. É, ainda, pensar na interação humana, imbricada na vida social por meio de ações languageiras. Sendo assim, a linguagem é o instrumento de mediação das práticas sociais, é um fenômeno que se institui no processo discursivo e nas interações enunciativas dos sujeitos. Para Pêcheux (2014 [1975], p.

¹ Mestre em Letras - Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR)- Pedagoga - mmaccostalonga@gmail.com

² Nome original do filme: *Taare zameen par – every child is special*

158-159), o sujeito é constituído pelo esquecimento daquilo que o determina. O “sempre-já” sujeito esqueceu das determinações que o constituem como tal. Na articulação entre o Sujeito Universal e o Outro, o sujeito é interpelado e toma a posição como sujeito-falante.

A linguagem não é neutra, envolve práticas discursivas carregadas de efeitos de sentido provenientes de posições ideológicas³ e políticas⁴. “Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (PÊCHEUX, 1975 apud ORLANDI, 2013, p. 17).

Uma série de estudos no âmbito educacional tem como foco as diferentes tendências pedagógicas, tais estudos nos instigam a pensar sobre as implicações discursivas nas práticas dos sujeitos educadores. Assim, ao iniciar os estudos linguísticos sobre a complexidade do funcionamento da linguagem nas atividades humanas, a autora desse trabalho que há alguns anos atua como pedagoga, se vê impulsionada a estudar sobre o assunto de interesse - a prática discursiva dos sujeitos educadores.

Destacamos que as implicações do processo discursivo no cenário educacional estão imbricadas práticas dos sujeitos educadores pelas posições ocupadas por eles, que, consciente ou inconscientemente, podem produzir diferentes efeitos de sentidos. Nesse viés, esse estudo é parte da pesquisa de mestrado que teve como objetivo observar os efeitos de sentido deflagrados nos enunciados dos personagens para compreender as posições discursivas e a construção da imagem dos sujeitos educadores nos/pelos seus discursos. Um estudo norteado pela seguinte questão: Como as posições discursivas, inscritas numa determinada formação podem orientar para a construção da imagem dos sujeitos educadores em cenas do filme *Como estrelas na terra – Toda criança é especial?*

Para buscar compreender as práticas discursivas dos sujeitos educadores foi selecionado alguns fragmentos de cena do filme para que pudesse de certa forma representar o cotidiano escolar, permeado de discursos diversificados e contraditórios.

O filme lançado na Índia em 2007, foi dirigido pelo ator e produtor *Aamir Khan*. A narrativa exhibe a história de um menino de nove anos chamado Ishaan Awasthi, que está cursando o terceiro ano do Ensino Fundamental e apresenta um quadro de dislexia, mas suas limitações são desconsideradas por seus pais e professores, que o julgam como preguiçoso,

³ A ideologia é um conceito central na Análise do Discurso francesa, essa ideia foi desenvolvida por Althusser e “representa uma relação imaginária dos indivíduos com sua existência, que se concretiza materialmente em aparelhos e práticas [...] está ligada ao inconsciente pelo viés da interpelação dos indivíduos em Sujeitos” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 267).

⁴ Por escolhas políticas inscritas em uma prática social, o “ato de linguagem está ligado à ação mediante as relações de força que os sujeitos mantêm entre si, relações de força que constroem simultaneamente o vínculo social” (CHARAUDEAU, 2008, p. 16).

desatento e indisciplinado. Assim, Ishaan enfrenta problemas nas interações escolares, sendo discriminado e humilhado, até que um professor de artes substituto ingressa na escola com um discurso diferenciado e promove embates e interações importantes no cenário daquela instituição, provocando mudanças significativas.

O enredo retratado no filme nos leva a refletir sobre o cenário educacional, fazendo uma breve relação entre os dois países, Brasil e Índia. Os dois países tem uma relação próxima em alguns aspectos, ambos baseiam-se numa visão global comum, em valores democráticos visando promover o crescimento econômico com inclusão social e também na promoção de programas para universalizar o ensino. A Índia e o Brasil estão entre os nove países com as maiores taxas de analfabetismo e fazem parte dos BRICS (países emergentes: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). Com o objetivo de fazer emergir ideias significativas no segmento educacional algumas convenções e conferências estão sendo realizadas, entre esses eventos, na Índia foi aprovado por aclamação a Declaração de Nova Delhi (16/12/1996), através da qual nove países, entre eles o Brasil, assinam o compromisso e estabelecem metas para atender as necessidades básicas de aprendizagem tornando universal a educação básica e ampliando a oportunidade de ensino para crianças, jovens e adultos. Nessa conjuntura, os países subscritos, como Brasil e Índia são convocados a participar a fim de incentivar suas políticas educacionais. (Cf. MENDES, 2010, p. 2).

Com novas perspectivas e ideologias sobre o processo educacional, muitas questões são levantadas nos mais diversos meios de comunicação social, muitas produções nacionais e internacionais levantam reflexões sobre o papel da escola, papel do professor, do aluno, do sistema educacional. São curta e longa-metragem que abordam a educação sob diversas facetas, procurando refletir sobre a prática educativa do século XXI e não é de longas décadas que o modelo tradicional de educação, reproduzido pelas escolas do século XVIII vem sendo questionado e retratado nos mais diversos espaços de interação social.

Nesse cenário escolar, os efeitos de sentido dos dizeres apontam para representação de diferentes tendências pedagógicas, podemos abarcar aqui de forma geral, as duas principais tendências pedagógicas nas quais os educadores se filiam, a liberal e progressista. Na linha liberal, ou seja, tradicional, o estudo da língua é valorizado pelos métodos e teorias empiristas e inatistas, influenciados pelo estruturalismo e pelo gerativismo. Nessa concepção, objetiva-se preparar o indivíduo para os papéis sociais e para o mercado de trabalho, sendo necessário capacitá-lo para as normas vigentes da sociedade. Assim, o professor é o elo de ligação para instituir e inculcar o sistema previsto (LIBÂNEO, 1990, p. 30).

Já as tendências progressistas vinculam-se a uma análise crítica da realidade social, na qual o conhecimento se constitui como um instrumento de práticas sociais. Há uma relação do ensino com as experiências vividas na sociedade, contempla-se a diversidade cultural e o processo de ensino-aprendizagem é mediado pelo professor numa relação dialógica (LIBÂNEO, 1990, p. 34).

Enquanto, numa tendência, o professor é o centro e o aluno é passivo; na outra, o professor é o mediador e o aluno é participativo. Numa, o conhecimento é intelectual e moral; na outra, o conhecimento é vivo e indissociável do contexto sócio-histórico. Essas e outras características podem apontar para diferentes posições, atitudes e dizeres no cotidiano das interações do contexto escolar. Notamos, de modo geral, que há um distanciamento do falar num formato cristalizado e padronizado por um sistema (que pode servir como um instrumento de dominação) e um falar pautado na formação humana (que pode servir como um instrumento de transformação).

Acreditamos que os estudos linguístico-discursivo podem nos ajudar a compreender como as diferentes posições discursivas são representadas na linguagem, podendo ser deflagradas ao analisarmos os mecanismos discursivos e o papel social dos sujeitos envolvidos na situação enunciativa. Compreendendo as regularidades materializadas nos dizeres dos sujeitos nas cenas do filme, podemos depreender os efeitos de sentidos produzidos, que estão vinculados ao lugar social e histórico que constitui o discurso dos sujeitos. Nesse empreendimento, podemos contemplar o imaginário sócio-discursivo, que abarca também a noção de imagem e a representação do sujeito no papel social ancorado na Análise do Discurso.

Interações teóricas

Pensar em discurso é pensar no funcionamento da linguagem que constitui o sujeito. É, ainda, refletir sobre o uso da língua não somente como um conjunto de signos, mas também como um instrumento que produz efeitos e sentidos nas mais diversas atividades humanas. É, além disso, pensar na fala do sujeito, indagando-se: Como se produz um dizer considerando-se os processos e as condições de produção, ou seja, como se produz uma estrutura que vai além do explícito? Na linguagem em uso, o discurso, como produção de sentido, revela-se no movimento da linguagem, tendo em vista seu interior e sua exterioridade a partir da condição histórica e da posição do sujeito. No discurso, estão ocultos os sentidos,

que podem esclarecer o funcionamento da linguagem. Ao analisar o discurso, podemos perceber que

[...] uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria “próprio”, vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras expressões e proposições da mesma formação discursiva (PÊCHEUX, 2014, p. 149).

Para desvendar os implícitos presentes no discurso, é preciso compreender a não transparência da linguagem. Nessa linha, afastamo-nos de uma visão da linguagem homogênea, na qual o discurso ideal é padronizado e despreza a diversidade da produção de sentidos. Assim, o sujeito se constitui pela heterogeneidade da linguagem, ou seja, por meio da interação com o outro no seu contexto histórico. Nesse cenário,

[...] a marca do inconsciente como “discurso do Outro” designa no sujeito a presença eficaz do “Sujeito”, que faz com que todo sujeito “funcione”, isto é, tome posição, “em total consciência e em liberdade”, tome iniciativa pelas quais se torna “responsável” como autor de seus atos etc., e as noções de asserções e de *enunciação* estão aí para designar, no domínio da “linguagem”, os atos de tomada de posição do sujeito, enquanto sujeito-falante (PÊCHEUX, 2014, p. 159, grifo do autor).

Nessa linha, salientamos que a linguagem pensada com base na dimensão discursiva – tendo em vista seu valor simbólico – surge a partir das ideias de Pêcheux, no final dos anos de 1960. Esse filósofo francês funda uma teoria de análise do discurso que se afasta do formalismo linguístico que leva à normatização do sujeito, e propõe trabalhar os objetos discursivos contemplando a historicidade e a interdiscursividade, sem desconsiderar a sistematicidade (PÊCHEUX, 2014, p. 269).

O sujeito do discurso está inserido nas situações de linguagem que se dão em todas as atividades humanas e, por meio dessa interação, acaba sendo determinado por uma formação discursiva, que conduz a produção de sentido do seu dizer. Sendo assim,

[...] o sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras. Em outras palavras, o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso, a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa (MUSSALIM, 2006, p. 122).

No processo de uso e práticas que envolvem a linguagem, os sujeitos podem interagir e se organizar como membros de uma sociedade. Nesse sentido, podemos ressaltar a importância de se pensar sobre a prática discursiva na instância educacional, espaço de privilegiado de interações sociais. O discurso pressupõe a articulação da linguagem não somente por uma abordagem linguística, mas integrando o “modo de apreensão da linguagem como atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados” (MAINGUENEAU, 1998, p. 43).

Assim, a formação discursiva é o lugar da produção de sentido a partir da condição de produção e da formação ideológica, por meio dos discursos articulados pelos sujeitos. Os sentidos produzidos estão associados à relação de famílias parafrásticas, que constituem uma “matriz de sentido” (PÊCHEUX, 2010, p. 167). Assim, o autor destaca que “o sentido de uma sequência só é materialmente concebível na medida em que se concebe esta sequência como pertencente necessariamente a esta ou àquela formação discursiva (o que explica de passagem que ela possa ter vários sentidos)” (PÊCHEUX, 2010, p. 167).

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.

As relações de sentidos que são mobilizados pelo saber discursivo são afetadas pela memória. No saber discursivo, está a memória discursiva. Assim, o discurso ganha sentido a partir de outros dizeres, de outros lugares, constituindo as formações discursivas do sujeito num provisório lugar histórico. Pêcheux (1999, p. 52) pontua que

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Os processos de enunciação vão sendo constituídos pelo dito, pelo não dito e pelo exterior, materializando-se no dizer, e, segundo Pêcheux (2010, p. 176), estão relacionados a dois tipos de esquecimentos. Os processos de enunciação vão sendo constituídos pelo dito, pelo não dito e pelo exterior, materializando-se no dizer, e, segundo Pêcheux (2010, p. 176), estão relacionados a dois tipos de esquecimentos. O primeiro esquecimento é sobre a origem do que dizemos. O dizer não se origina do próprio sujeito, mas de ideias já existentes que se

materializam nele. Por isso, é chamado esquecimento ideológico (ORLANDI, 2013, p. 35). O sujeito não tem consciência de sua incompletude, não fala a partir do que quer, mas a partir de um pré-construído na língua e na história. O sujeito, assim, não é dono do seu dizer. Antes de sua existência, as regras sociais já estavam estabelecidas. Nesse sentido, o indivíduo é sujeitado às normas postas, isto é, prontas, de modo que o seu dizer reflete o que faz parte do contexto social e histórico.

O segundo esquecimento refere-se aos enunciados que podem ser ditos de diferentes formas, e o sujeito não se dá conta disso. Esse esquecimento nos leva a acreditar que há uma relação direta entre a linguagem e o pensamento, mas não é o que acontece, é ilusão, o que Orlandi (2013, p. 35) chama de ilusão referencial. Para Pêcheux (2014, p. 197),

[...] toda prática discursiva está inscrita no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas, o que vem caracterizar a materialidade da instância ideológica por condições históricas reflexas nas práticas discursivas, sendo necessário subtrair-se dessa relação a homogeneidade, a transparência e a circularidade dos efeitos da prática política no campo discursivo.

Há um amplo espaço no processo discursivo. Um dizer pode se relacionar com outro dizer e produzir o mesmo sentido, ou se deslocar para outro sentido. Na Análise do Discurso, considera-se também o lugar ocupado pelo sujeito, já determinado socialmente. Essa posição estabelecida na sociedade interfere em seu dizer. A imagem do sujeito é constituída por relações que sustentam seu discurso, a partir de diferentes lugares, produzindo significados correspondentes a essas posições. “A imagem que temos de um professor, por exemplo, não cai do céu. Ela se constitui nesse confronto do simbólico e político, em processos que ligam discursos e instituições” (ORLANDI, 2013, p. 42).

Para Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 392), o “posicionamento” é uma categoria de base da Análise do Discurso e diz respeito à instauração e à conservação de uma identidade enunciativa. De maneira geral, é possível dizer que as escolhas lexicais podem indicar como o locutor se situa no espaço de contradições. O posicionamento, segundo Charaudeau (1988b, apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 393),

[...] corresponde à posição que um locutor ocupa em um campo de discussão, aos valores que ele defende (consciente ou inconscientemente), e que caracterizam reciprocamente sua identidade social e ideológica. [...] Pode-se falar, portanto, em posicionamento também para o discurso político, midiático, escolar...

O sujeito organiza suas ideias a partir de valores e comportamentos sociais, que o caracterizam identitariamente. As representações sociais perpassam pela questão da identidade do sujeito e também estão vinculadas ao caráter e à corporalidade atribuída ao sujeito, que é denominado por Maingueneau como “fiador” (CHARAUDEAU, 2008a, p. 197). Assim, a partir dessas representações, que se “corporificam”, constituindo o imaginário, é que o sujeito constrói para si a imagem de si.

De acordo com Amossy (2008, p. 9), a construção da imagem do sujeito tem íntima relação com a sua fala: “Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”. Essa afirmação parece óbvia, mas é preciso estudar conceitos complexos e multifacetados, que ligam elementos linguísticos a elementos discursivos. O sujeito cria uma imagem de si mesmo antes de tomar a palavra. Ele se apresenta não somente pelos enunciados, mas pelas marcas linguísticas, pelo tom do discurso, pelo ritmo, pela entonação e pelo próprio enunciado. Na situação de comunicação, muitos elementos compõem seu “*ethos*” (AMOSSY, 2008, p. 137).

Tendo em vista que o que o sujeito diz está intimamente ligado à identidade social e ao lugar instituído, por meio dos quais o sujeito atribui para si a imagem no seu ato de enunciação, ele enuncia a partir de sua formação discursiva, ou seja, o interdiscurso está implicado no seu dizer.

Materialidade discursiva – discursos divergentes

O discurso não representa o que o sujeito quis dizer, ele revela um sujeito marcado por um lugar já socialmente instituído que interfere em sua formação, ou seja, em cada função ocupada pelo sujeito, há uma “formação imaginária” que já determina o que ele deve dizer. Esse lugar social está diretamente relacionado à instância ideológica que se materializa no discurso. Inconscientemente, o sujeito ocupa uma posição discursiva determinada por uma formação social.

A partir desses pressupostos, podemos perceber no fragmento de cena transcrito abaixo, na conversa entre professor e diretor, os discursos contraditórios. O professor incomodado com a situação do aluno, que está prestes a ser excluído da escola resolve intervir. Ao chegar à sala do diretor, começa a falar sobre o aluno é interpelado pelo diretor...

DR: Já sei... os outros professores também reclamaram... não acho que ele vai durar o ano todo
PN : Não, senhor... ele é um garoto brilhante... apenas tem um problema com a leitura e a escrita... você deve ter ouvido falar de dislexia

DR: Sim... você facilitou minha vida... estava me perguntando o que diria para seu pai... ele foi indicado por um conhecido... bom... bom... então uma escola especial... é o seu lugar...
 PN: Não, senhor... ele é uma criança com inteligência acima da média... ele tem todo o direito de estar numa escola normal... tudo que ele precisa é de nossa ajuda... e, no mundo, todas as crianças, não importa o problema que tenham... estudam juntas... na verdade, até meus alunos do Tulipa têm o direito de estar em qualquer escola... estou apenas repetindo o que diz a lei de nosso país... a lei “Educação para todos”... lhes dá esse direito... o problema é que poucas escolas a seguem...

Legenda: DR: Diretor; PN: professor Nimkubh, recém-chegado à escola.

Os dizeres dos sujeitos educadores são constituídos por um exterior específico. Do discurso de cada sujeito educador emerge um fio discursivo, ou seja, uma matriz discursiva pelos quais podemos deflagrar efeitos de sentido que vão direcionar para discursos contraditórios e para as diferentes posições ocupadas por eles.

Podemos observar nos enunciados que trata-se de um mesmo campo discursivo, (pedagógico), mas nesse embate discursivo os sujeitos são afetados por memórias discursivas, por interdiscursos revelando que estão inscritos em diferentes formações discursivas.

No enunciado “ele não vai durar o ano todo” o diretor demonstra que segue o mesmo fio discursivo que emerge dos dizeres dos professores que reclamaram do aluno, ou seja, há um mesmo posicionamento discursivo negativo sobre ishaan, revelando a crença da impossibilidade do aluno continuar na escola. Ancorado em suas concepções avaliativas, o diretor apoia a exclusão de ishaan, pois acredita que seu perfil não corresponde ao pré-requisito essencial para a aprendizagem, a aquisição da leitura e escrita. Assim, de seu dizer emerge o sentido alinhado a uma avaliação classificatória, ao discurso institucional que estabelece um determinado padrão como requisito principal para os alunos dessa escola, desconsiderando a diversidade em sala de aula.

O professor com um posicionamento divergente, afirma: “ele é um garoto brilhante”, revela que acredita no desenvolvimento integral do aluno, atentando para possibilidade de se desenvolver com outras habilidades. Ao dizer “apenas tem uma dificuldade com a leitura” deixa subtendido que a leitura e a escrita não são pré-requisitos principais para o desenvolvimento escolar do aluno. Percebe-se que está filiado a uma concepção de avaliação formativa, processual, com ênfase no processo, não na comparação com o padrão estabelecido ou com os níveis dos outros alunos, mas com os avanços do próprio aluno.

O diretor diz você “facilitou minha” demonstrando a preocupação com o pai e com o amigo influente, revelando uma prioridade em dar resposta à sociedade em detrimento da

preocupação com o desenvolvimento do aluno ou com as possíveis causas de sua limitação. Um sentido que remete para o papel de preparar o aluno para sociedade.

Já o professor aponta para a lei “Educação para todos”, traz como interdiscurso, a preocupação com a inclusão, a educação para todos independente de suas limitações, uma memória discursiva com efeitos de sua formação discursiva da experiência do trabalho na escola de educação especial.

DR: O que você quer de mim?

PN: Por enquanto, deixemos que sua letra e sua ortografia sejam ignoradas... e que ele seja testado oralmente... conhecimento é conhecimento escrito e oralmente... enquanto isso, trabalharei com sua leitura e escrita... gradualmente ele terá melhora...

DR: ((se levanta, pensa)) espero não causarmos dano permanente com os conselhos de um professor temporário

Legenda: DR: Diretor; PN: professor Nimkubh, recém-chegado à escola.

O diretor ao ressaltar as disciplinas que o aluno pode não dar conta.... Revela valorizar o conhecimento empírico, que limita a aprendizagem a aquisição da leitura e escrita e aos diferentes conteúdos fragmentados desconsiderando as diferentes expressões da linguagem e as outras habilidades do aluno. Apoia-se na objetividade, na transmissão do conhecimento pré-construído, pronto para ser transmitido. O professor revela uma tendência de relação de ensino-aprendizagem que abrange diferentes tipos de linguagens, apoiando o conhecimento subjetivo, através da qual valoriza-se a criatividade do aluno tendo o professor como mediador, que utiliza estratégias diversificadas para possibilitar a aprendizagem do aluno.

Desses enunciados podem emergir efeitos de sentido divergentes, mas essas posições discursivas não fixas, fechadas, o discurso está sempre em movimento, existe uma rede de discursos se interlaçando. No discurso do sujeito pode predominar uma determinada tendência num determinado tempo e depois ele pode ser alinhar a outra posição discursiva.

Partindo desses pressupostos temos divergências que se refletem nas práticas discursivas, uma se ocupa em transmitir o conhecimento e a outra produzir o conhecimento pela interação social. Enquanto uma aceita e repete a ciência, a outra pode questionar, dando abertura para relação entre o que já está posto e o contexto social. Nessa relação de prática discursivas Pêcheux aponta para a luta contra a pedagogia pura da transmissão do conhecimento e contra a prática pedagógica burguesa.

as formas burguesas da política na prática pedagógica podem, em seu princípio, ser reconduzidas a duas formas polares (combinadas em alternância), de um lado, a do realismo metafísico (que faz passar por objeto de conhecimento puros efeitos ideológicos), e, de outro lado, a do empirismo

lógico (que apresenta o objeto de conhecimento como uma comodidade, uma convenção arbitrária), de modo que tanto em caso quanto em outro, a transmissão-reprodução dos conhecimentos é identificada praticamente a uma inculcação (PÊCHEUX, 2014, p. 203).

Assim busca-se “entender como essas relações sociais de dominação e de transformação se estruturam mediante processos discursivos que se dão tanto dentro quanto fora das instituições políticas e acadêmicas” (SOUZA, 2011, 46).

Pêcheux (2014, p. 202) propõe a articulação entre essas duas práticas para a apropriação subjetiva dos conhecimentos e da política do proletariado. Com o movimento de desidentificação, o sujeito rompe com a formação discursiva em que se inscreveu e se identifica com outra. Mesmo assim, ele ainda é interpelado pela ideologia, mas tem uma sustentação para a nova prática, a “prática política do tipo novo”, um trabalho de deslocamento e transformação.

3 Considerações finais

De acordo com Análise do Discurso Francesa o indivíduo deixa de ser empírico e passa a ser sujeito do discurso, o sentido de seu dizer não está somente em suas experiências. E fonte de seu dizer não tem origem nele mesmo. Existe uma relação intrínseca entre história, língua e sujeito. O discurso é sempre pronunciado a partir de condições dadas, das situações historicamente estabelecidas: O sujeito retoma os sentidos preexistentes e articula alguns dizeres e não outros. Então, ao dizer, o sujeito adere ou se inscreve numa formação discursiva que está dentro de uma formação ideológica.

Assim, não é possível atribuir ao sujeito a produção de sua fala. As condições de produção do seu discurso influenciam os efeitos de sentidos de seu dizer, englobando o contexto imediato de fala e o contexto histórico social e estão intrínsecos os aspectos ideológicos e a posição que o sujeito ocupa, a formação socioimaginária. O indivíduo se torna sujeito do discurso ao ser interpelado pela ideologia, que é o lugar, a posição que ele ocupa numa formação discursiva. A ideologia o constitui em sujeito do discurso.

As práticas discursivas dos sujeitos vão produzir efeitos de sentidos e posicionamentos diferentes que constituem a imagem que cada sujeito educador faz de si. Conscientemente ou inconscientemente a memória discursiva constitui os dizeres e integram as formações discursivas dos sujeitos educadores. As diferentes posições discursivas estão associadas à formação discursiva que o sujeito educador se inscreve interferindo diretamente em sua prática discursiva. Assim, também o

discurso está intimamente ligado à produção do conhecimento pela prática científica e/ou pela prática política, ambas estão interligadas e são determinadas pelas condições históricas e ideológicas.

Os discursos são produzidos para diferentes fins, modos e situações. Eles se constituem tanto pela interioridade – o sujeito em relação a si mesmo – quanto pela exterioridade – o sujeito em relação à alteridade e à situação social, em que acontece a enunciação. As relações sociais e culturais podem interferir nos posicionamentos dos sujeitos e os colocar em diferentes posicionamentos discursivos, direcionando seus modos de dizer e se apresentar no mundo. É possível pensar, ainda, que os posicionamentos dos sujeitos são revelados pelos ditos e pelos não ditos, e que, por meio dos elementos discursivo-enunciativos, são demarcados pelos diferentes mecanismos e modalidades utilizados para interagir com o outro.

É importante atribuir sentido aos dizeres não por uma simples interpretação de tudo que se ouve, que se lê, mas ao que acontece de forma simbólica observando como os sentidos são produzidos e construídos socialmente por meio da linguagem: esse é o papel do pesquisador em análise do discurso. Os processos discursivos são os efeitos da linguagem que se materializam no discurso e não se restringem às palavras como propriedade literal.

Numa perspectiva, o professor é detentor da palavra; em outra, há uma valorização da participação do aluno, quer dizer que a prática discursiva pedagógica do educador, seu discurso pode orientar para diferentes efeitos de sentidos. Manter-se atrelado ao discurso do sistema e parâmetros a ser seguido ou contextualizar ao sujeito a sua linguagem e a sua história.

Depreendemos, então, que os sujeitos revelam em seus discursos diferentes práticas que refletem no funcionamento dos processos científico-pedagógicos. Um posicionamento discursivo determina as regras da disciplina que silenciam a multiplicidade de sentidos linguagem, aceita e reproduz a ciência, reforça o funcionamento da linguagem em relação si mesma, o outro posicionamento discursivo leva a produzir o conhecimento pela interação social, questiona, dá abertura para relação entre o que já está posto e o contexto sócio-histórico.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2008a.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: os modos de organização do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008b.

- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- KHAN, Aamir. *Como estrelas na Terra: toda criança é especial* (2h42min.25s). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=8TC_iFnzdIE>. Acesso em: 14 nov. 2016.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública*. São Paulo: Loyola, 1990.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Tradução de Márcio Venício Barbosa e Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. *Ethos discursivo*. São Paulo. Editora Contexto, 2008a. p. 11-29.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.
- MENDES, Maria do Socorro dos Santos. O ideário da qualidade do ensino na escola pública: uma leitura crítica sob a ótica da Psicologia escolar. Ensaios e estudos teóricos. Psicologia Ensino & Formação. Vol. 1, N^o 2. Brasília. 2010. Disponível: <<https://goo.gl/Jf4MNJ>> Acesso em 20 de jan de 2018.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v. II. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 11. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2013.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso em Análise: sujeito, sentido e ideologia*. 3. ed. Campinas/SP: Pontes Editora, 2016.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2014.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas/SP: Pontes, 2015.
- SOUZA, Pedro de. *Análise do discurso / LLV/CCE/ UFSC*, Florianópolis, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/71QkTD>> acesso 28 de novembro de 2017.

**Artigo recebido em fevereiro de 2018.
Artigo aceito em abril de 2018.**